

Antero de Quental

Benjamin Abdalla Junior

SELEÇÃO



Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo, Tronco ou ramo na
incógnita floresta... Onda, espumei, quebrando-me na aresta. Do
granito, antiquíssimo inimigo... Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta; Ou, monstro primitivo
argui a testa. No limoso paul, glauco pascigo... Hoje sou homem



COLEÇÃO
MELHORES
POEMAS



Resumo de Antero de Quental - Coleção Melhores Poemas

Antero de Quental, homem de personalidade estranha, sombrio, niilista, mas também virtuoso, humilde, atormentado "pelo olhar da esfinge", segundo a expressão de Miguel de Unamuno, "um santo que era um gênio" (Eça de Queirós), foi o destino mais trágico da literatura portuguesa.

Poeta e pensador, integrou a famosa geração de 70, que sacudiu a mesmice da vida portuguesa, procurando integrar o país ao mundo moderno. Antero era o centro dessa geração brilhante, da qual faziam parte um Eça de Queirós, um Oliveira Martins, um Ramalho Ortigão.

Natural dos Açores, Antero (1842-1891) formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra (1864), onde sempre assumia a liderança nos conflitos entre o conservadorismo da instituição e o espírito de rebeldia dos estudantes.

Durante essa fase escreve as Primaveras Românticas, só publicadas em 1872, os Sonetos (1861) e as Odes Modernas (1865), que traziam um frêmito novo à poesia portuguesa, pregando o progresso social e cujo fundo o poeta sintetizou na frase provocadora: "a Poesia moderna é a voz da Revolução".

Mas é nos Sonetos que se encontra a mensagem mais alta e pessoal, mais densamente humana de Antero, traduzindo os seus conflitos íntimos, a sua alta tensão espiritual, a angústia permanente de uma alma sedenta de luz ("Viva e trabalhe em plena luz: depois/ seja-me dado ainda ver, morrendo,/ o claro sol, amigo dos heróis!").

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)